

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

167

INSCRIÇÕES 648-650



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE ARA EM DONAS (FUNDÃO)
(*Conventus Emeritensis*)

Quando, em Dezembro de 2017 – no âmbito do acompanhamento arqueológico de reconstrução do imóvel localizado na Travessa de S. Roque, nº 9, na aldeia das Donas, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco – se procedia às diligências para retirar a inscrição funerária também publicada no *Ficheiro Epigráfico* 166, identificou-se, metida na parede exterior, uma outra pedra moldurada, que tudo levava a crer tratar-se do fragmento de uma ara romana (Fig. 1). Concordou o proprietário, Sr. José Carlos Ramalhete, a quem expressamos o nosso reconhecido agradecimento, que, em consonância com a equipa do Museu Arqueológico José Alves Monteiro, do Fundão, se procedesse à cuidadosa remoção do monumento, a fim de vir a ser devidamente preservado e apresentado no referido museu, como oferta sua.

Executada com êxito a operação, verificou-se que se estava, de facto, perante o fragmento de um altar romano, de granito rosado local, sendo ainda perceptível parte do letreiro gravado na sua face anterior, ainda que a reutilização houvesse delido de tal modo a superfície que subsistem naturais dificuldades de leitura. Na parte superior da peça, parece poder discernir-se a existência central de um simulacro de fastígio, eventualmente ladeado por dois toros.

Esse capitel muito danificado separar-se-ia do fuste por uma moldura passível de identificar-se como de garganta directa, mau grado a elevada corrosão (FIG. 2).

Afiguram-se certos L e V como primeiras letras, seguindo-se um espaço que poderá ser ocupado por um ponto. Em algumas das imagens que lográmos obter, parece susceptível de ser mais do que um simples ponto. Apesar de, por vezes, se ver o G como terceira letra, o certo é que, a considerá-lo, a sua haste ou perna torná-lo-ia uma letra deselegante, tosca e desalinhada com a sua parte superior, pelo que se deverá considerar um C, seguido por A e V em nexu, ou N.

As letras correspondentes à 2ª linha parecem mais distendidas. Teríamos, no início, espaço quiçá para duas letras antes do V, a letra ora visível, que, com outra inclinação de luz, parece comportar em nexu um A e ser um outro A a última letra, havendo entre estas espaço para outra letra que não se consegue discernir... Tudo poderia resolver-se com um M, embora bastante alargado...

Atendendo à largura da peça e até porque tais dados estariam certamente contemplados no texto, mesmo que se aceite verem-se já duas das siglas da fórmula votiva, faltariam as outras e, mui naturalmente, a identificação do dedicante, que poderiam constar numa 3ª linha.

Dimensões: (15,3) / (12,4) x 25,9 / 24,2 x 19,1 / 14,4.

Campo epigráfico: (9,9) x 20,6.

LV CAV ou N [?] / [...] V[...] A [vel M?]

Altura das letras: l. 1: 3,9/4,1. Espaço 2: 0,7.

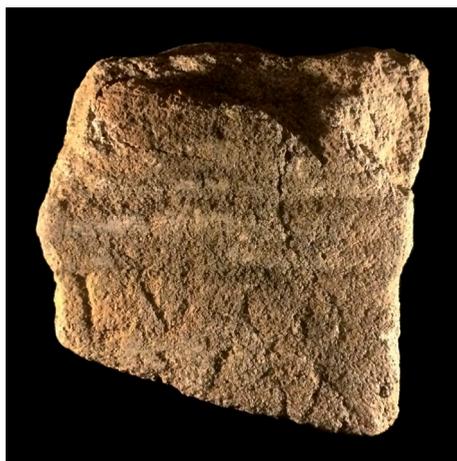
O demasiado desgaste da superfície epigrafada, de certo modo potenciado por estarmos perante um arenito granuloso, impede-nos de ser mais assertivos, ainda que o L inicial esteja bem delineado com buril e a denotar um *ductus* para trás; o V é aberto e semelhante ao V da l. 2; a ser um M a letra seguinte, teria as pernas da direita lançadas para trás, de forma que os vértices se situariam a meio da altura.

É, por conseguinte, verosímil que o texto consubstancie o que resta de uma inscrição votiva, atendendo à forma como começa – seria aliciante algo como LVGVANO¹ – e à possibilidade de termos depois a habitual fórmula votiva: V(*otum*) [L(*ibens*)] A(*nimo*) M(*erito*).

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
CARLA RIBEIRO



1



2

649

¹ *Luguanus* (ou *Lugunus*) é, de facto, o epíteto de *Bande*, identificado no fragmento superior de uma ara de granito não muito longe de Donas, mais precisamente em Vale de Prazeres, também do concelho de Fundão: HEP 17, 2008, 230 = AE 2008, 645.